

“Não viemos para arrebentar a cidade”

FPE-PTPF-01-0387

Há cerca de um mês, o professor Paulo Freire, secretário municipal de Educação, entrou no gabinete da prefeita Luiza Erundina e disse: “Não dá mais, vou voltar para casa”. Freire tentava encerrar assim a mais séria crise de sua gestão. Autor da *Pedagogia do Oprimido*, livro que já vendeu dois milhões de cópias em todo o mundo, ele pretendia retomar o projeto de redigir quatro novas obras — entre elas uma em que narrará sua passagem pela secretaria. Na semana passada, antes de embarcar ao Japão, para uma viagem de trabalho, ele concedeu entrevista ao repórter Joaquim de Carvalho, no almoxarifado da Secretaria de Educação, onde há um grande estoque de carteiras, material didático, artigos esportivos e alimentos, para explicar por que mudou de idéia.

Estado: Por que o senhor voltou atrás na sua decisão de deixar a Secretaria?

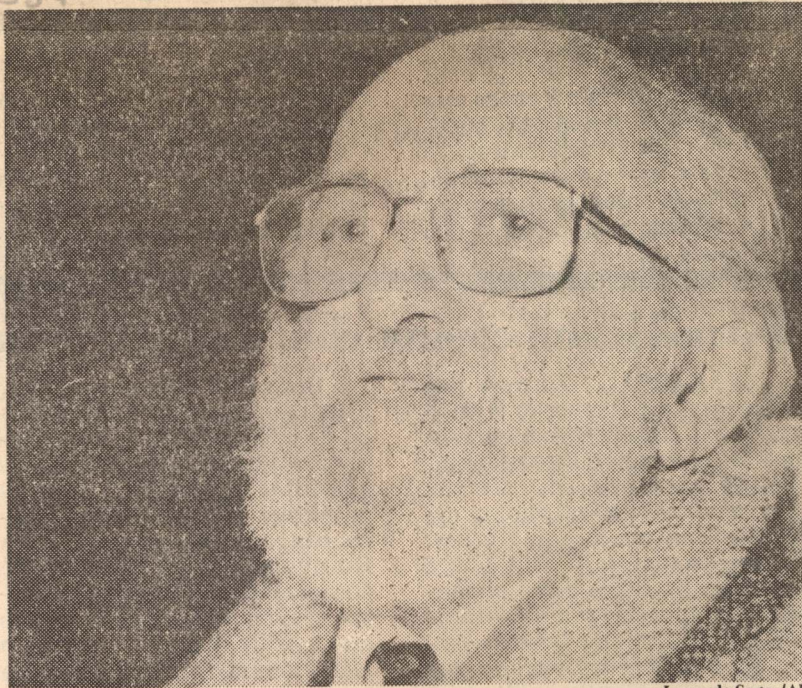
Paulo Freire: No momento em que assumi a ruptura, a decisão se espalhou. Algumas diretoras de escola telefonaram para mim. Não digo que foram todas as diretoras. Sei que não está todo mundo comigo. Mas muita gente ligou. E não só me ligou. Foram lá em casa. Houve serenata. Alguns me escreveram. Houve até faixa na frente da minha casa.

Estado: O senhor quer dizer que houve pressão para que ficasse?

Freire: Foi uma pressão bem comportada, decente, cortês, que me dizia: “Paulo, fica”. Uma pressão que não me maltratava, me deixava livre. Pensei muito, discuti com minha mulher e fui conversar com a prefeita, que ficou muito contente com minha decisão.

Estado: E por que o senhor havia decidido deixar a administração?

Freire: As coisas que me feriram têm a ver com essa questão da ética. Não pude resistir às críticas não apenas de funcionários que estão nomeados em caráter de confiança, mas também de militantes de meu partido. Não pude suportar receber textos em que era chamado de nazi-fascista. Eu devia ter sido até mais rigoroso. Recebi textos — e eu estou fazendo um grande favor de chamar isso de textos — que diziam ser o secretário incompetente. “Ou muda o secretário ou o secretário muda”, dizia um desses documentos.



Leonardo Castro/AE

Freire: “Fui chamado de nazi-fascista”

Dizia também que uma das virtudes do secretário é contar histórias engraçadas do seu exílio.

Estado: O senhor demitiu esses funcionários?

Freire: Demiti três. Dois deles voltaram à rede municipal de ensino. Um não voltou porque não pertencia à rede.

Estado: A que se deve esse comportamento de seus ex-auxiliares e de militantes? Houve tentativa de desestabilização?

Freire: Pode ser que haja interesse em desestabilizar. Mas, como uma pessoa preocupada com a questão da relação autoridade-liberdade dentro deste momento histórico, em que inclino muito mais a entender coisas desse tipo como expressão desta dramática ambiguidade em que nos achamos. Toda manifestação de autoridade vira autoritária para esse tipo de autoritarismo. E toda expressão autêntica de liberdade deve ser, para esse tipo de autoritarismo, licenciada. Essa ambiguidade vem atrapalhando a própria marcha da democratização entre nós.

Estado: De quem é essa ambiguidade?

Freire: Tem muita gente aí, militante de esquerda, que está convencida de que, no momento em que um companheiro assume um posto do qual decorre um mínimo de autoridade, deixa de ser companheiro, deixa de ser militante. Para eles, passa a ser ‘essa’ gente do governo!

Estado: O que o senhor fez para gerar descontentamento entre esse grupo?

Freire: Mudança séria exigiu muito de todos nós do ponto de vista ético, do ponto de vista da competência científica, política, pedagógica etc. Fizemos, por exemplo, um ato no primeiro ou segundo dia de gestão.

Estado: Que ato?

Freire: Foi uma portaria que assinei chamando todo o pessoal que estava fora da rede.

Estado: Que pessoal?

Freire: Professores, diretores, coordenadores.

Estado: Eram quantas pessoas?

Freire: Cerca de 2.500.

Estado: Onde estavam?

Freire: Em gabinetes de leitores, em locais como o Hospital do Câncer, em escolas conveniadas. Era justo que alguns desses funcionários estivessem à disposição de outros órgãos. Mas era preciso que, num primeiro momento, a gente trouxesse todos eles para a Secretaria. Às vezes, tenho a impressão de que pensavam que a gente era um grupo de doidos, vândalos, destruidores, que assumiu a Prefeitura com porrete e martelo na mão para quebrar tudo. Não. Somos muito civilizados, muito direitinhos, pensadores. Não viemos aqui para arrebentar a cidade.

Estado: O senhor recebeu pressões de políticos para não remover os professores?

Freire: Vamos admitir que

você é um grande amigo meu e, no dia seguinte à portaria, uma amiga sua o procura e diz: ‘Olha, sou professora lotada na periferia, mas há quatro anos consegui transferência e estou hoje no gabinete de A ou de B. Mas o secretário baixou uma portaria e me devolveu para a escola da periferia. De um jeito para ver se ele desmancha a ordem.’ Aí você liga e diz: ‘Paulo, meu velho amigo, você dá um jeitinho...’

Estado: O Senhor deve permanecer como secretário até o final do mandato da prefeita?

Freire: Não sei, não sei. Sei que vou ficar com essa gente bacana com quem trabalho tentando fazer alguma coisa mais do que a gente já fez. Pode ser que esse meu algum tempo seja um ano, sejam dois anos e meio de mandato que faltam à prefeita, poder ser seis meses. O que quero dizer é que há uma disposição minha de ficar.

Estado: O sindicato dos professores diz que o senhor não participa das negociações salariais.

Freire: Não participo diretamente. Não acho necessário. Meu dever é lutar para que isto ocorra e não luto, necessariamente, no diálogo com a comissão que se preocupa com isso. Luto ao nível do Secretariado e na minha conversa direta com a prefeita.

Estado: Não seria um erro o cargo do secretário discutir com o sindicato?

Freire: Meus assessores estão lá e me contam tudo. Reinir-me com os sindicalistas não está no meu corpo substitutivo de deveres. A Secretaria tem esse dever, não o secretário.

Estado: Qual será a maior obra na Secretaria?

Freire: Todas as realizações são grandes para mim. Quer ver uma coisa maior para um cara que foi para a cadeia porque quis alfabetizar seu povo do que entrar num lugar como esse (almoxarifado da Secretaria) e ver estas cadeiras? Haverá coisa maior do que ver os índices de queda da reprovação escolar? Haverá coisa melhor do que um educador ver algumas de suas idéias concretizadas?

Estado: O senhor é vaidoso?

Freire: A vaidade, como reconhecimento de seu valor pessoal, é importante. E, neste sentido, sou vaidoso e isto me motiva a maiores realizações. A vaidade só é má quando resulta na arrogância, na vaidade pecaminosa.